

***Ethé* de
comandos
femininos de
torcidas
organizadas
com base em
imagens de
Facebook**

• Revista
mosaico

**Thiago Madureira
Alvarenga¹**
<https://orcid.org/0000-0003-0966-106X>

***Ethé* of female
commands of
organized
soccer fans
based on profile
images on
Facebook**

Resumo

As mulheres tentam ganhar protagonismo dentro das torcidas organizadas de futebol ao participarem dos comandos femininos. Em busca de mais relevância, esses grupos criaram perfis nas redes sociais, mobilizando debates. O que investigamos neste artigo são os *ethé* projetados pelas imagens de perfis do Facebook de comandos femininos, com base na Gramática do Design Visual. De um grupo de dez torcidas analisadas, encontramos em oito imagens de si de torcedoras bonitas, guerreiras, independentes, fanáticas e agressivas, que reforçam, em especial, dois estereótipos sociais: o da violência ligada aos torcedores organizados e o da objetificação dos corpos das mulheres. Por outro lado, as torcedoras se afastam dos imaginários de "Maria-Chuteira" e desinteressadas por futebol.

Palavras-chave: Comando Feminino; Torcida Organizada; Futebol; Gênero; Análise do Discurso.

Abstract

Women try to gain prominence within organized football fans by participating in female groups. In search of more relevance, these groups created profiles on social networks, mobilizing debates. What we investigate in this article are the *ethé* projected by the Facebook profile images of female commands, based on Visual Design Grammar. From a group of ten supporters analyzed, we found in eight images of themselves of beautiful supporters, warriors, independent, fanatical and aggressive, which reinforce, in particular, two social stereotypes: that of violence linked to organized supporters and that of the objectification of women's bodies. On the other hand, female fans move away from the idea of "Maria-Chuteira" and uninterested in soccer.

Keywords: Female Command; Organized Soccer Fans; Football; Gender; Speech Analysis.

Introdução

Os comandos femininos são alas organizadas por mulheres dentro das torcidas organizadas de futebol no Brasil - esses grupos podem ter outras denominações, como pelotão, núcleo ou esquadrão a depender da divisão utilizada pela torcida. Movimento minoritário dentro dessas organizações, essa coletividade torcedora cria páginas nas redes sociais para tentar maior integração com seu público alvo. Para conhecer melhor esses agrupamentos na Internet, este artigo analisará os *ethé* - Maingueneau (2008) e Amossy (2005) - que os comandos femininos projetam a partir das análises das figuras de perfil (desenhos e imagens criadas para a identidade virtual) desses grupos no Facebook, que são públicos, ou seja, abertos para todos observarem as postagens.

A pesquisa tenta responder aos seguintes questionamentos: quais são os possíveis *ethé* projetados pelos comandos femininos nas imagens de perfil no Facebook? Por meio desses *ethé*, estereótipos são reafirmados ou rebatidos? Dentro do nosso perfil metodológico, acreditamos que a visão da Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006), pode nos ajudar a entender a construção dos significados - do design à estrutura conceitual da imagem, levando em conta saliências, enquadramentos, recortes, texto e estrutura - para, assim, chegarmos ao *ethos*¹, conceito sociodiscursivo estudado dentro da disciplina da Análise do Discurso. A escolha por essa abordagem se explica pelas ferramentas oferecidas para observar a multimodalidade ao analisar os processos das linguagens verbais e dos elementos visuais, considerando contextos de situação e de cultura.

Para aprofundarmos o quadro social nos quais os comandos femininos estão inseridos, faremos um percurso histórico sobre as torcidas organizadas, evidenciando como ocorreu ao longo do tempo a presença de mulheres nesse ambiente, além de compreendermos como o conceito de gênero opera especificamente dentro desses grupos. Ademais, apresentamos como as torcedoras, nos últimos anos, passaram a se organizar para buscar igualdade nos

¹Alguns estudos já utilizaram esse método, como o artigo da professora Flaviane Faria Carvalho, que analisou as imagens discursivas de *banners* de Bolsonaro e Haddad na campanha presidencial de 2018; e a dissertação de Denise Ferreira dos Santos, que buscou os *ethé* em capas de revistas nas eleições de 2014.

estádios e abertura para novas formas de torcer, contestando o machismo e a heteronormatividade no futebol.

A despeito disso, nos resultados das imagens analisadas dos comandos femininos, observamos que ainda são preservadas algumas representações de si que reforçam certos estereótipos sociais. Por outro lado, outros estigmas são rechaçados. A análise é feita em diálogo com publicações sobre o tema, explorando também o debate sobre masculinidades e feminilidades em jogo.

O *corpus* foi selecionado em busca no Facebook, no dia 5 de setembro de 2022, com as palavras "comando feminino" - ressalta-se que os comandos são considerados uma categoria acionada por determinados grupos para colocar em destaque certos atributos e simbolismos, não se trata de uma diferenciação sociológica de outros agrupamentos. Separamos todos os resultados ligados a torcidas organizadas de futebol encontrados: Comando Feminino Independente, do São Paulo; Comando Feminino Máfia Azul, do Cruzeiro; Comando Feminino Galoucura, do Atlético Mineiro; Comando Feminino Falange Grená, do Caxias; Comando Feminino Força Flu, do Fluminense; Raça Rubro-Negra Feminino Brasília, do Flamengo; Mancha Verde Feminino, do Juventude; Comando Feminino Leões da Fabulosa, da Portuguesa; Comando Feminino Serponte, da Ponte Preta; e Comando Feminino da Torcida Jovem, também da Ponte Preta.

Por mais que esse levantamento não tenha encontrado todos os comandos femininos dentro das torcidas organizadas no Facebook, acreditamos que esta amostra é representativa para colaborar na compreensão discursiva desses agrupamentos na internet, pois houve o que é chamado por Silva (2020) de saturação, a repetição de processos de significação nas imagens encontradas, embora haja exceções.

Ressalta-se que as redes sociais parecem aproximar essas adeptas entre si criando uma comunicação ativa. Há trabalhos nesta área que estudam a cultura do torcedor no ambiente digital, como a pesquisa de doutorado de Júnior (2016). Nela, o autor mostra que as redes de torcidas organizadas na internet apresentam laços identitários fortemente construídos em torno de ideias comunitárias, servindo como autopromoção das identidades, das realizações e das atividades das organizadas. As páginas são muitas vezes a extensão digital das sedes físicas, mas, nesse caso, não há a barreira da espacialidade, podendo haver interação mesmo a longa

distância.

Já Silva (2015) indica que as redes sociais, como o Facebook, podem ser um catalisador das paixões clubísticas com as interações entre clubes e seus torcedores, reforçando elementos constituintes da noção de pertencimento por estratégias de *marketing*. Por sua vez, Júnior (2006) chega a utilizar o termo cibertorcedor para designar o fanático pelo esporte que assume a sua paixão nas redes sociais e participa ativamente da arquibancada virtual, postando nos espaços de debate e nas páginas dos times de futebol.

601

Torcidas organizadas e a presença das mulheres

De acordo com Pimenta (1997), não há uma cronologia exata do surgimento de grupos de torcedores organizados no país; no entanto, tem-se uma unanimidade entre os pesquisadores em apontar o fim dos anos 1930 e a década de 1940 como marco inicial desses movimentos. Essas primeiras torcidas, segundo Toledo (1996), estão ligadas a torcedores símbolo, a maioria formada por pessoas de classes populares, que mantinham seus comandados sob disciplina. Nesse momento, parte da imprensa fazia a leitura do povo como puro e bom na sua essência, exaltando o espírito altruísta e abnegado desses torcedores, que aparentemente tinham interesse apenas em externar sua paixão pelo clube, apresenta Hollanda (2008).

Mesmo com o processo de aprofundamento da profissionalização do futebol, o discurso midiático sobre os torcedores não se moveu. A imagem do chefe de torcida entra em decadência, com uma espécie de corrosão de caráter à medida que é estabelecida uma aliança com a figura do cartola, visando a ascensão social, desenvolve Hollanda (2008). Nos meios de comunicação de massa, a lógica considerada idealizada de pureza desses torcedores, com um passado romantizado, é substituída pelo polo dos vícios, de um presente violento e corrompido pela degradação entre as relações com dirigentes.

O ambiente social nos anos 1960 e 1970 nos ajuda a entender essa transformação, como mostra Hollanda (2008). No fim da década de 1960, a "cultura jovem" conquistou espaço no Brasil e no mundo, sendo associada a tudo que era considerado novo e moderno nas mais diversas áreas da sociedade. O futebol também é atingido em cheio por essa onda, em especial com o aparecimento das

Torcidas Jovens no Rio de Janeiro, desempenhando um papel de contestação, com manifestações pacíficas e violentas contra dirigentes, e questionamento às Charangas e Torcidas Organizadas oficiais.

Como ponto de inflexão na história das torcidas organizadas, esse período marca o surgimento de uma série de agrupamentos em todo Brasil que vai assumir o protagonismo nas arquibancadas. Com essa ascensão, constata-se uma alteração no comportamento e no status do torcedor organizado, que deixa a condição de coadjuvante e passa a dividir com jogadores e com dirigentes o protagonismo do espetáculo, segundo Toledo (1996).

Em todo esse processo, as mulheres estavam presentes. Pioneiras, torcedoras símbolo se tornaram famosas no meio futebolístico desde os anos 1950, como Elisa, do Corinthians; Filhinha e, posteriormente, Tia Laura, do São Paulo. No Rio de Janeiro, Dulce Rosalina foi uma das líderes da Torcida Organizada do Vasco. Apesar disso, a presença de mulheres nas arquibancadas ainda era reduzida e cercada de preconceitos.

De acordo com Moraes (2018), as análises sobre as mulheres nos estádios de futebol considerando o período do início do século XX até a década de 1950 se dividem em dois eixos: "embelezar" e mostrar que o jogo era familiar, em uma performance pública masculina; e, de outro lado, contribuir para inserção das mulheres no espaço público.

Ao longo do tempo, o olhar sobre as mulheres mudou. As torcedoras, que antes eram vistas por alindar os estádios, começaram a ser observadas com olhares de vigilância e ofensa, haja vista o surgimento de estereótipos ofensivos, como é o caso do apelido "Maria- Chuteira", no sentido de que a presença das moças nos campos de futebol tinha interesses outros, por exemplo, a procura de um bom casamento. Os assédios já eram frequentes naquela época, como mostra reportagem do *Jornal dos Sports* de 1968: "E a turma rubro-negra esquece a guerra para brindar suas apetitosas torcedoras com os fiu-fius indispensáveis" (JORNAL DOS SPORTS, 1968, p.10).

Mesmo com esses preconceitos, as mulheres resistiram e seguiram buscando espaço dentro do futebol e das torcidas organizadas. No fim da década de 1990, Teixeira (1998) estudou as Torcidas Jovens cariocas e evidenciou a hierarquia de gênero existente. A pesquisadora observou a presença de agrupamentos

femininos em todas as associações, embora não fossem estruturados. Naquele momento, o vínculo das torcedoras com as organizadas era considerado frágil, pois estava ligado à inserção feita por namorados, irmãos e amigos, de acordo com os relatos dos líderes. Além disso, ainda de acordo com esses depoimentos, o batismo dos torcedores organizados dessas torcidas marcava a mudança de status dos torcedores que passavam a ser mais valorizados; às mulheres, não estava aberta essa possibilidade. Por outro lado, havia desejo dos chefes de filiar mais mulheres como um plano para mudar a imagem de violência ligada à torcida organizada, mas não havia estratégia de enaltecimento dessas torcedoras.

Para Bandeira e Sffner (2018), a construção identitária do que é tido como masculino se confunde com a construção da identidade torcedora. Com isso, a legitimação masculina nos estádios de futebol faz com que muitas práticas machistas apareçam fora de questionamento, criando um processo de naturalização que faz com que os torcedores assimilem determinadas formas de agir como regras de posturas que devem ser mantidas. Nesse contexto, as mulheres e as suas formas de feminilidade são praticamente invisibilizadas nos estádios de futebol.

A dificuldade de se incorporar elementos de feminilidade na esfera torcedora também é estudado por Costa (2006). Para a autora, há vários obstáculos para a inserção e legitimação das mulheres, que precisam provar entender de futebol nos seus vários aspectos para conquistar alguma credibilidade como torcedoras nesse espaço de masculinidades exaltadas. Esse suposto desconhecimento das mulheres sobre o assunto é retratado na publicidade e em matérias jornalísticas em veículos impressos e na televisão. É criado, portanto, um imaginário sociodiscursivo de que elas não entendem de futebol. Por outro lado, a pesquisadora traz a discussão sobre outro ponto relevante: não apenas as feminilidades são ocultadas como outros tipos de masculinidades para além da força e da virilidade, já que várias expressões masculinas são excluídas. Algumas noções formais do que é ser homem começam a ser questionadas com jogadores e torcedores metrosssexuais, com o uso de brincos, pulseiras, anéis, cordões e tiaras.

Essa abertura a outras formas comportamentais dentro do universo do torcer também é descrita por Martins, Delarmina e Silva (2022), que identificam uma versão distinta de feminilidade dentro das torcidas organizadas brasileiras em comparação a outras vistas em países europeus. No caso do Brasil, essa

feminilidade busca uma performatividade de gênero que se distancia da “feminilidade masculinizada”, retratada como masculinização dos corpos das mulheres. Trata-se da construção de uma feminilidade forte, mas não masculinizada, com o processo de sensualização e hipersexualização dos corpos em posições agressivas, como veremos na análise deste artigo. As pesquisadoras acreditam que essa forma de exibição do corpo ainda está ligada a uma matriz heterossexual, que valoriza a heteronormatividade dentro das torcidas organizadas.

Hoje, é cada vez maior a presença de mulheres que colocam em questão a representação das masculinidades e até das feminilidades masculinizadas e feminilidades fortes, buscando fazer do futebol e das torcidas espaços mais abertos a outras formas de torcer. Isso acontece sobretudo quando elas organizam espaços para ação, explica Cardoso (2020). Uma dessas formas de inserção das mulheres nesse tema ocorreu com a criação do ‘Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada’, que nasceu em 2017 com o objetivo de democratizar as formas de torcer, ampliando as perspectivas femininas e dando espaço às iniciativas e experiências de participação de mulheres nos locais de torcer, pensar e fazer o futebol. Na primeira reunião, uma carta foi escrita com uma série de reivindicações, como o combate ao machismo, a demanda por mais mulheres em cargos de liderança no futebol e nas torcidas, bem como questões de segurança, como a presença de delegacia da mulher. Essa iniciativa foi a inspiração para outros encontros que ocorreram em vários estados.

***Ethos*, a imagem sociodiscursiva**

A análise será baseada no conceito do *ethos* sociodiscursivo, termo esse que designa a releitura de um conceito aristotélico, recuperado e ampliado pela Análise do Discurso. Em qualquer enunciado, o sujeito projeta imagens de si que auxiliam na tentativa de convencimento do interlocutor. Apresentaremos esse conceito baseado nos estudos de Dominique Maingueneau (2008) e Ruth Amossy (2005), que se complementam.

Segundo Maingueneau (2008), a noção de *ethos* é de fácil entendimento, mas de difícil cunho teórico: “a ideia de que, ao falar, um locutor ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é

particularmente simples, e até trivial.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 12).

Tendo isso em vista, Maingueneau (2008) faz três considerações básicas sobre o *ethos* sociodiscursivo: uma noção discursiva que se constrói por meio do discurso, não sendo uma “imagem” do locutor exterior à sua fala; é fundamentalmente um processo interativo de influência com e sobre o outro; noção híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação.

Nessa perspectiva, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa e se mostra por meio do discurso, seja ele qual for: de um comício político a uma conversa informal entre amigos, em qualquer momento em que se toma a palavra. No nosso caso, são imagens (desenhos e montagens criadas para a identidade virtual) que os comandos femininos utilizam para representar a torcida no perfil do Facebook.

A formação do *ethos*, contudo, não se limita apenas ao discurso. A concepção do *ethos* pré-discursivo também é uma parte do todo. O interlocutor, por conhecer ou sustentar algum tipo de informação sobre o locutor, no momento da fala, cria algum tipo de avaliação, uma imagem do locutor. O *ethos* pré-discursivo é constituído pelas representações sociais e pelos estereótipos que o interlocutor produz. Portanto, o “*ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente” (MAINGUENEAU, 2008, p. 16).

Para uma compreensão global do *ethos* sociodiscursivo, Maingueneau (2008) fez um esquema de visualização das instâncias. Fazem parte desse arranjo: o *ethos* pré-discursivo; o *ethos* discursivo; os estereótipos sociais ligados aos mundos éticos (a imagem discursiva é ancorada em estereótipos, representações sociais de determinada cultura, que determinam, de forma superficial, a apresentação de si). Portanto, o *ethos* efetivo resulta da interação dessas diversas instâncias.

Para que todas essas interpretações sejam processadas, o interlocutor utiliza uma espécie de guia social, denominado de mundo ético por Maingueneau (2008). O mundo ético se vale de representações sociais escoradas em estereótipos que o discurso ajuda a endossar ou transformar. Exemplos: velho sábio (filmes que demonstram um ancião com a experiência e grande conhecimento do mundo),

jovem executivo dinâmico (propagandas com empresários que têm tempo para cuidar dos negócios, fazer exercícios e curtir a família) e mocinha romântica (garotas de romances que se apaixonam e demonstram todo sentimentalismo).

Para complementar a noção de *ethos*, Amossy (2005) ressalta que o discurso tem que se apoiar em crenças compartilhadas pelo auditório para que a estratégia proposta de convencimento surta efeito, conquistando, assim, maior aceitação. O *ethos*, nesse caso, tem que buscar se encaixar nas expectativas criadas. Caso o sujeito enuncie valores não aceitáveis por quem o escuta, a rejeição aumentará consideravelmente, afastando o efeito visado do efeito produzido. Dessa forma, é usual que o sujeito utilize em seu discurso imaginários que tenham relação com o grupo no qual deseja interlocução. Isso fica sinalizado no nosso *corpus* quando os comandos femininos se apoiam em determinadas imagens ligadas ao mundo das lutas e brigas, que reforça a ideia de valentia, valorizada pelas torcidas organizadas.

No nosso corpus, serão observadas as características das imagens, bem como os pequenos textos que as acompanham. Para analisar as imagens, entendemos que o repertório da Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006), nos ajudará a entender os processos de sentidos com mais exatidão. Falaremos sobre isso no próximo tópico.

Gramática do Design Visual

Para chegarmos ao *ethos*, a nossa abordagem metodológica consiste em analisar o discurso por meio da sua multimodalidade, observando todos os seus códigos semióticos para tentar apreender o processo de significação. Logo, consideramos as imagens e suas características, a forma como ela é montada, as cores, os textos verbais presentes nelas e o contexto de cultura, de forma a compreender o *ethos* projetados pelos comandos femininos.

Nessa perspectiva, encontramos na Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006), uma proposta capaz de analisar as imagens de forma multimodal, contemplando diferentes processos semióticos. Ambos descrevem um modelo de análise de estruturas visuais tendo como base a teoria hallidayana (HALLIDAY, 1978), segundo a qual o processo de comunicação é uma construção

social realizada por atores que se utilizam de um código semiótico dentro de determinados interesses pessoais e localizado em contextos de situação e de cultura em que estão inseridos.

Nesse sentido, as imagens devem ser interpretadas dentro de uma dada cultura, com base nesse contexto específico de comunicação, considerando seus usos e valores. Em um nível micro, estamos falando da cultura das torcidas organizadas, na qual há predominância dos homens que constroem seus modos de socialização, reforçando, por exemplo, o machismo, a virilidade, a heteronormatividade e a objetificação do corpo da mulher.

Como mencionamos anteriormente, a Gramática do Design Visual, de Kress e van Leeuwen (2006), é inspirada na Gramática Sistêmico-Funcional de Michael Halliday com o objetivo de descrever o modo como a linguagem visual representa a experiência, estabelece relações com outros atores e se organiza na composição imagética, explica Lysardo-Dias *et al* (2013).

Para Kress e van Leeuwen (2006), se a gramática linguística estuda como as palavras associadas se transformam em frases e orações, é necessária uma gramática visual para descrever como a estrutura imagética gera significado. Do ponto de vista visual, a Gramática do Design Visual renomeia as metafunções hallidayana: a ideacional, ligada à construção de experiências, é denominada representacional; a interpessoal, que retrata a relação entre os sujeitos, torna-se interacional; e a textual, como a mensagem se estrutura no texto, vira composicional. São essas três metafunções que trabalharemos na análise.

Na metafunção representacional, a imagem pode retratar a experiência por meio de narrativas (quando há participantes realizando alguma atividade) ou conceitos (imagens simbólicas sem participantes ou com participantes de comportamento estático). No nosso estudo, focaremos na narrativa, observando uma ação ou reação na qual está envolvido um ou mais participantes, podendo ser transacional (há ligação entre os participantes da imagem com um vetor imaginário) e não-transacional (vetor não se direciona a nenhum participante). Silva (2020) explica que esses participantes podem ser pessoas, animais, objetos, partes do corpo, seres animados ou inanimados.

Já a metafunção interacional aborda a relação dos participantes da imagem com quem a observa. Primeiro, analisa-se se há um olhar de demanda (olhar

direcionado ao observador) ou de oferta (olhar é direcionado para um outro lugar). A segunda forma dessa metafunção é a análise da distância social entre o participante representado e o observador por meio de planos curtos (intimidade), médios (social) e longos (impessoal). Por fim, as atitudes também podem ser avaliadas, podendo ser subjetivas, marcando superioridade, inferioridade, igualdade, envolvimento ou separação entre os participantes representados a depender da imagem e de qual noção ela nos dá. Atitudes objetivas são representações que revelam amplitude.

A última metafunção aqui apresentada é a composicional, dividida em valor da informação, saliência e enquadre. O primeiro informa o posicionamento das informações na página (centralizado, polarizado horizontal ou vertical). Elemento na esquerda da imagem é considerado informação já conhecida; na direita, o novo; o que está superior é o ideal, o que se almeja; o inferior é a realidade; o centro é o foco principal. Já a saliência é quando recursos são usados para atrair ou ressaltar determinados elementos: cores, tamanho, circunferência, plano, foco. Por fim, os enquadres são usados para separar informações dentro de molduras.

Na análise, utilizaremos as três metafunções da Gramática do Design Visual Visual, de Kress e van Leeuwen (2006), para compreendermos os significados presentes nas imagens de perfil do Facebook dos comandos femininos das torcidas organizadas. Com o detalhamento da composição imagética, chegaremos aos *ethé*.

Análise

Nosso objetivo neste artigo é estudar discursivamente as imagens de perfil dos comandos femininos no Facebook. A análise será dividida em dois momentos: primeiro, será feita uma abordagem levando em consideração o ambiente social, cultural e identitário dessas torcidas, dialogando com as publicações da área; em seguida, analisaremos o processo de possíveis significados com base na Gramática do Design Visual, teoria da Análise do Discurso que oferece operadores conceituais com essa finalidade.

Das dez imagens encontradas, nove possuem a representação imagética do corpo de mulher. Nelas, não há idosas representadas, todas aparentam ser jovens. Entendemos que esse é um movimento intencional dos comandos femininos, pois o imaginário de juventude está ligado à ideia de vibração e de pujança, elementos que

ajudam a entender as torcidas organizadas de futebol.

Ademais, tampouco há negras representadas, reforçando uma visão baseada no racismo de que apenas corpos brancos são belos - a ausência de pretas ocorre no Brasil, um país de maioria negra², e, ao mesmo tempo, foram lembradas ilustrações de mulheres de outras regiões do mundo, como duas asiáticas e uma portuguesa. Apesar disso, é necessário ressaltar que uma das torcidas organizadas utilizou a figura de uma macaca, mascote da Ponte Preta que foi adotada em função da vertente popular do clube, que aceitou a entrada de negros e pobres no passado.

Os desenhos das mulheres seguem o padrão de beleza atual na sociedade em que vivemos: cintura fina, mamas avolumadas, pernas grossas e cabelos lisos. Assim, não há contestação à objetificação do corpo da mulher. Ao contrário, essas figuras podem endossar de certa forma a construção machista do que é a representação da mulher considerada bonita. Assim, é possível acionar a leitura segundo a qual a torcedora ainda tem o papel de embelezar a torcida, como ocorrido no início do século XX, mas agora com outras características, já que apenas ser tida como atraente não é suficiente para representar esses agrupamentos.

Além disso, a exceção de uma, todas as imagens das mulheres são de torcedoras possivelmente prontas para um confronto violento: uma com duas espadas nas mãos; três com luvas próprias para as artes marciais; outra com um chicote. Há comandos femininos que são representados por vilões de comics, o que pode significar uma valorização de características de transgressão ao sistema. Por outro lado, essa representação liga essas torcedoras à imagem de mulheres guerreiras, independentes e destemidas, como são essas personagens de ficção.

Nesse sentido, observamos também corpos fortes e definidos, típicos de lutadoras - como muitas aparentam ser -, construindo uma virilidade feminina, que se liga ao estereótipo da violência das organizadas, o qual pode ser reforçado com este tipo de construção. Por outro lado, essa estratégia dos comandos femininos de fazerem uma ligação com esse tipo de corporalidade pode ser interpretada como uma forma de disputar representatividade com corpos masculinos, que utilizam dessa estratégia para evidenciar o vigor das torcidas organizadas e dos seus

² Segundo pesquisa do IBGE sobre as características étnico-raciais da população brasileira, mostra-se que a maioria se considera negra (preta ou parda).

integrantes.

Analisando os símbolos de torcidas organizadas, Vaz (2014) entende que "valorizando a astúcia, a destreza, a masculinidade, a virilidade e o desejo de combate, os torcedores constroem sua identidade nas qualidades atribuídas aos seus símbolos e mascotes" (VAZ, 2014, p. 10). Já em relação aos agrupamentos femininos, como apresentado pelo referido autor, os símbolos possuem certos atributos que podem ser considerados paradoxais, como delicadeza e força, sensualidade e violência.

Esses símbolos, que representam a identidade coletiva desses grupos, mostram uma característica chamada por Martins, Delarmina e Silva (2022) de feminilidade forte, como abordamos anteriormente neste artigo, destacando a virilidade marcada pela beleza e hipersexualização dos corpos, representando uma forma de feminilidade, sem a masculinização dos corpos.

Por outro lado, essa feminilidade forte também está presente tensionando a ideia de feminilidade ainda predominantemente aceita na sociedade. Com isso, ocorre o afastamento de dois estereótipos descritos por Costa (2006) que perseguem as torcedoras: a grã-fina narinas de cadáver, personagem criada pelo jornalista Nelson Rodrigues, que perguntava quem era a bola, e a figura da Maria-chuteira, que faz do futebol um trampolim para melhorar de vida financeiramente.

Ainda em relação ao *ethos* pré-discursivo, até o fim da década de 1960, os torcedores organizados (uniformizados e charangas) estavam ligados ao imaginário de amor genuíno ao clube e de festa amistosa nas arquibancadas. Essa noção, contudo, foi sendo alterada em função dos diversos processos sociais pelos quais as torcidas organizadas se submeteram.

Atualmente, a imagem do torcedor organizado está ligada à violência, já que o Brasil, segundo Murad (2017), ocupa o primeiro lugar no número de mortes de torcedores de futebol. Vale ressaltar, contudo, que esse imaginário é construído em torno de um estigma que generaliza e muitas vezes desumaniza o torcedor organizado, conforme Lopes (2012). Apenas uma minoria (5% a 7%) está realmente envolvida em atos criminosos, de acordo com Murad (2017).

Contudo, esse estigma é reforçado pelas imagens analisadas. Em oito delas, entendemos que há possibilidade de projeção de *ethé* de torcedoras guerreiras, independentes, fanáticas e agressivas, além de bonitas.

O *ethos* de independente descarta o estereótipo de Maria-chuteira - entendemos que com o processo de análise das imagens não é possível interpretar que as torcedoras estão nas torcidas organizadas para encontrar pretendentes ricos, mas sim por se sentirem parte daquela coletividade e pelo amor ao clube. De acordo com Moraes (2018), as organizadas se configuram como locais de pertencimento nos quais as mulheres sentem parte de algo maior, que as motiva a expressar o seu torcer e o seu amor pelo futebol, bem como a sua paixão pelas torcidas organizadas, mesmo enfrentando questionamentos da legitimidade e diversas adversidades.

Já com a projeção da imagem de fanática, os comandos femininos rechaçam a concepção antiga e que ainda resiste em reverberar de mulheres como desinteressadas pelo futebol, como mostrou Costa (2006).

Feita essas considerações, analisaremos, individualmente, cada uma das imagens de perfil dos comandos femininos no Facebook com base na Gramática do Design Visual, que oferece um sistema operacional descrito pela definição de determinados elementos discursivo:

a) Máfia Azul Comando Feminino



Figura 1 – Imagem de perfil do Comando Feminino da Máfia Azul.

Fonte: Facebook do Comando Feminino da Máfia Azul.

A mulher representada na imagem está centralizada (centro das atenções) e possui características típicas de mangás, um estilo de desenho japonês. Trata-se de uma narrativa não-transacional com olhar de demanda para o leitor que indica uma torcedora destemida, que encara quem a observa. Com o braço levantado e com luvas de artes marciais, ela aparenta estar em posição de combate. Assim, interpretamos que a torcedora em questão está pronta para defender a organizada pelo uso da força se preciso for, mesmo estando aparentemente solitária, reforçando

ethé de guerreira, independente, fanática e agressiva.

No nível interacional, observamos que houve uma atitude de representar a torcedora como se tivesse em superioridade ao observador, mostrando poder. Na metafunção composicional, há elementos de saliência em todo corpo, em especial na barriga com cintura fina, nas mamas grandes e no batom na boca, além do cabelo liso escuro chamativo, formando uma imagem de torcedora bonita, com traços ocidentais e orientais.

Pelo fato de Minas Gerais não ter sido um grande foco da imigração japonesa, acreditamos que esta representação da torcedora está distante da aparência real das integrantes desse comando feminino. Em relação ao enquadramento, ao redor da imagem está uma separação que destaca o nome da torcida e bandeiras de onde ela se origina. Já o azul é a cor do Cruzeiro.

b) Movimento Feminino Galoucura



Figura 2 – Imagem de perfil do Movimento Feminino da Galoucura.

Fonte: Facebook do Movimento Feminino da Galoucura.

A torcedora aparece centralizada para ser o ponto focal das atenções. Assim como a imagem do comando da Máfia Azul, a Galoucura também apresenta a representação da mulher em formato de mangá, indicando uma influência entre as torcidas rivais.

Em relação ao nível representacional, trata-se de uma narrativa não-transacional com olhar e gestos de demanda (o braço erguido, com uma luva de artes marciais), indicando posição de combate e de intimidação ao observador, haja vista a expressão fechada e furiosa. Elementos que nos ajudam a entender os *ethé* de guerreira, fanática e agressiva.

No nível interacional, a torcedora é mostrada em superioridade em relação

ao observador, passando uma sensação de poder, independência e força à atlética representada. Ademais, podemos notar elementos de saliência, como as mamas avolumadas, as curvas na cintura, as coxas torneadas e o braço forte.

A torcedora ainda pode ser identificada como vaidosa, pelo batom e esmaltes nas unhas. Assim como foi visto na imagem anterior, há mescla de padrão de beleza ocidental e oriental.

Em segundo plano, observamos a Pulga, mascote da Galoucura, que aparenta ser musculosa e não interage com a torcedora, bem como o símbolo do Atlético e a representação de uma cidade, o que nos faz pensar em Belo Horizonte, por ser a sede da torcida e do clube. Assim, podemos inferir que a torcedora dominaria aquele espaço territorial, demonstrando poder sobre os adversários. No enquadramento, ao redor da imagem aparece o nome da torcida organizada em destaque. A cor preta representa o Atlético.

c) Falange Grená Comando Feminino



Figura 3 – Imagem de perfil da Falange Grená Comando Feminino.

Fonte: Facebook da Falange Grená Comando Feminino.

O desenho trata-se de uma estrutura narrativa não-transacional com olhar de demanda fixado no observador. O gesto do antebraço erguido e o punho cerrado com luvas de artes marciais podem significar intimidação e uma torcedora disposta a defender a organizada e o clube com o recurso da violência, assim como foi visto nas outras figuras, projetando *ethé* de guerreira, fanática e agressiva.

No nível interacional, a superioridade da torcedora em relação ao leitor indica sensação de força. No que tange ao modo composicional, vemos que o texto "as donas da cidade" está à esquerda, localizado na área de informação já conhecida. Dentro do discurso da Falange Grená, em tese, esse já é um saber

notório em Caxias do Sul, município gaúcho ao qual pertence a torcida organizada, de que são as torcedoras do Comando Feminino do Caxias que dominam a região, mostrando o quanto são poderosas e independentes. Isso está relacionado ao discurso das organizadas que pregam a hegemonia em relação ao rival.

Além disso, o desenho da torcedora está à direita, denominado como o dado novo, podendo ser lido como uma nova torcedora ainda mais poderosa. Outros pontos são as saliências pelo corpo da torcedora: pernas torneadas, braços fortes, cintura fina, barriga chapada e mamas avolumadas. Todos esses são elementos da noção de perfeição do corpo feminino na nossa cultura, forjando um *ethos* de beleza. Os enquadramentos ao redor da imagem destacam o nome da torcida organizada. As cores grená, branco e azul representam o clube S.E.R Caxias do Sul.

d) Mancha Verde Feminino



Figura 4 – Imagem de perfil da Mancha Verde Feminino.

Fonte: Facebook da Mancha Verde Feminino.

A imagem apresenta uma torcedora totalmente coberta por máscara, jaqueta de frio e luvas, em uma combinação verde e branco, nas cores do Juventude, clube ao qual a Mancha Verde é associada. Assim, há um mistério quanto a sua identidade.

No nível representacional, trata-se de uma narrativa transacional unidirecional, pois a representação da torcedora (ator) está segurando um sinalizador (meta), instrumento esse comum em partidas de futebol, cuja função é iluminar e fazer parte da festa das torcidas organizadas, o que reforça a imagem de fanática.

Na função interacional, o olhar da torcedora é de demanda, pois ela encara

o observador de forma valente. No que tange às atitudes, entendemos que o desenho é feito para passar a sensação de que a mulher é forte, em função do ângulo e de uma atitude subjetiva no momento da representação, projetando *ethé* de guerreira, independente e agressiva.

Já na metafunção composicional, a torcedora está no centro das atenções, revelando a importância dessa informação. No item saliência, mesmo com toda a vestimenta que deveria esconder o corpo, a torcedora é apresentada com cintura fina e mamas grandes, reafirmando a importância disso para a noção de beleza da mulher na nossa sociedade. A chama do sinalizador e a fumaça também criam um efeito de vivacidade e energia à imagem.

No enquadramento, ao redor da foto está o nome da torcida organizada e uma estrela prata, que representa a conquista da Série B do Campeonato Brasileiro de 1994, e uma dourada, em homenagem à conquista da Copa do Brasil de 1999, ambos títulos do Juventude, enaltecendo o clube.

d) Força Flu Comando Feminino



Figura 5 – Imagem de perfil da Força Flu Comando Feminino.
Fonte: Facebook da Força Flu Comando Feminino.

A imagem mostra um rosto de uma torcedora indígena observando o interlocutor - representação não-transacional - com o canto do olho em uma relação de demanda, que está no nível interacional. Pelo recorte no rosto da torcedora, há um ângulo íntimo para passar uma imagem de aproximação, com uma aparência de segurança e destemor. Essa figura pode nos levar a pensar em uma mulher guerreira e independente, pronta para defender sua torcida até com o uso da força (agressividade).

Em relação ao nível composicional, a torcedora está na parte central da

imagem, sendo o ponto principal de observação, embora divida espaço com o escudo do Fluminense, que aparece em segundo plano, clube ligado à torcida organizada em questão.

Além disso, podemos notar as saliências na imagem: pintura indígena nas cores verde e bordô, assim como cocar e ornamento no pescoço, fazendo referência ao time carioca, reafirmando seu fanatismo. A indígena é adaptada ao padrão de beleza vigente na nossa sociedade para parecer atraente dentro dessa cultura, com batom e sobrancelhas feitas.

A imagem usada pela torcida nos parece mais ligada ao estereótipo dos povos nativos norte-americanos, consagrados em filmes de Hollywood, do que necessariamente aos originários brasileiros, tendo em vista o penteado com a trança, algo mais característico dos estadunidenses. Ainda inferimos que há uma certa similaridade entre a representação da torcedora com a figura de Pocahontas, mundialmente conhecida pelo desenho da Disney. Por fim, há enquadramento nas laterais para destacar o nome da torcida.

e) Raça Rubro-Negra Feminino Brasília



Figura 6 – Imagem de perfil da Raça Rubro-Negra Feminino Brasília.

Fonte: Facebook da Raça Rubro-Negra Feminino Brasília.

A imagem apresenta na parte central a Mulher-Gato, considerada vilã e especialista em artes marciais das histórias em quadrinhos publicada pela “DC Comics”, vestida com a roupa da torcida organizada em questão.

Em relação à metáfora representacional, trata-se de uma narrativa transacional unidirecional, pois a representação da torcedora está segurando um chicote e o balança para o alto. Os dois participantes conectados nessa ação são o ator e a meta, sendo a Mulher-Gato o primeiro por ser o ativo da ação, e o chicote é

a meta por ser o passivo para o qual se direciona o vetor da ação. Além disso, a posição do chicote parece indicar que a personagem está preparada para o combate.

Na metafunção interacional, a torcedora está direcionando a visão para o horizonte (olhar de oferta), com observação de demanda no sentido de ter atenção ao que pode vir pela frente. Ela aparenta ser alguém que espera de outrem uma ação violenta e se apronta para reagir; ou o contrário: quer dar início a um conflito. Pelo ângulo, a imagem é colocada em superioridade em relação ao observador, podendo indicar uma intenção de poder. Esses aspectos reforçam a leitura da mulher como guerreira, independente, fanática e agressiva.

No item saliência, observamos pernas torneadas, cintura fina, mamas grandes, além de batom vermelho chamativo, representando o padrão de mulher bonita na nossa cultura, reafirmando a questão da importância da beleza. Em segundo plano, há o símbolo da Raça Rubro-Negra - mapa do Brasil com o punho fechado. Em relação ao enquadramento, nota-se o nome da torcida organizada, bem como o símbolo desse grupo. As cores vermelho e preto são associadas ao Flamengo.

f) Comando Feminino Serponte



Figura 7 – Imagem de perfil do Comando Feminino Serponte.

Fonte: Facebook do Comando Feminino Serponte.

A torcedora aparenta uma ação ao indicar um movimento de soco com a mão direita em direção ao observador, destacando *ethé* de agressiva e guerreira. Esse suposto ato de violência reforça um estereótipo social desses torcedores organizados, que sistematicamente são ligados a brigas e a confusões dos diversos tipos nos estádios e fora deles.

Além disso, há ação transacional quando ela segura o sinalizador (meta) com a mão esquerda - instrumento esse que está relacionado ao mundo das festas de luzes das torcidas organizadas nas arquibancadas, indicando seu fanatismo. No nível interacional, o olhar da torcedora é de demanda, demonstrando, em conjunto com o rosto, uma feição de ira e de raiva extrema. A figura é colocada no mesmo nível do observador, em um plano médio, o que pode contribuir para a noção de movimento nesse suposto ataque. A torcedora ainda aparenta ser dona do seu destino, independente, pronta para tomar as suas decisões e arcar com as consequências.

Em relação à metafunção composicional, a pontepretana está no centro da imagem para ser o foco da atenção. No item saliência, observamos uma construção para passar a sensação de cólera: mão fechada em posição de atacar, boca aberta com dentes travados, olhar fixo e corpo aparentando movimento. Mesmo com a representação dessa agressividade, a torcedora ainda está dentro do que a sociedade considera belo: cabelos longos pretos, mamas grandes e traços finos no rosto.

No que tange ao enquadramento, aparece em destaque o nome da torcida organizada, além da data da sua fundação, e os símbolos da Ponte Preta e Serpente.

g) Torcida Independente Comando Feminino



Figura 8 – Imagem de perfil da Torcida Independente Comando Feminino.

Fonte: Facebook da Torcida Independente Comando Feminino.

A torcedora está inserida em uma estrutura representacional com narrativa de ação transacional, pois ela faz um gesto de levantar as espadas. A personagem,

que remete a uma vilã dos quadrinhos, seria o ator por ser o participante ativo e as espadas seriam a meta pela passividade neste ato.

Em relação ao nível interacional, o olhar e os gestos são de demanda, porque estão direcionados para o observador. Além disso, a intenção de colocar as espadas em primeiro plano indica o poder que é dado à são-paulina. Podemos interpretar isso no sentido de que é uma imagem que objetiva levar medo e intimidar, reforçando o estigma de torcedor organizado como violento, como também foi visto nas outras figuras. Esses aspectos reafirmam os *ethé* de guerreira, independente, fanática e agressiva.

Na metafunção composicional, a torcedora é o centro das atenções e o símbolo do São Paulo está ao fundo, assim como as cores do clube: preto, vermelho e branco. Em relação à saliência, o brilho da espada é salientado; o corpo da mulher é objetificado: certa nudez, com uma espécie de pintura vermelha, cintura fina, mamas grandes e à mostra, cabelo liso e longo e rosto com traços finos (*ethos* de bonita). Isso tudo é realçado por um plano médio, rico em detalhes.

No enquadramento, está a denominação "comando feminino" e duas estrelas amarelas, que representam as conquistas do atleta Adhemar Ferreira da Silva no salto triplo nos Jogos Olímpicos de Helsinki, na Finlândia, em 1952, e de Melbourne, na Austrália, em 1956 - essas vitórias estão registradas no escudo do time paulista. Por fim, há uma miniatura da imagem da torcida Independente no canto direito.

Nas duas próximas imagens, encontramos *ethé* diferentes. Apesar disso, ainda é possível observar a exploração da imagem do corpo da mulher no caso da Leões da Fabulosa, da Portuguesa. O ideal de beleza segundo a nossa cultura ainda persiste em enquadrar a mulher.

No caso da Torcida Jovem, da Ponte Preta, há um apagamento da figura feminina na imagem, algo que nos leva a interpretar que a questão de gênero pode ser um assunto menos importante para esse comando feminino. Assim exposto, acreditamos que as próximas representações são exceções que nos ajudam a entender o que seria a regra já apresentada.

h) Leões da Fabulosa Comando Feminino



Figura 9 – Imagem de perfil da Leões da Fabulosa Comando Feminino.
Fonte: Facebook da Leões da Fabulosa Comando Feminino.

A torcedora da Portuguesa faz uma ação transacional de elevar a bola, mostrando a importância do futebol, que estaria em um plano superior, no nível do almejado. Na metafunção interacional, ao contrário das outras imagens analisadas, ela possui um olhar de demanda gentil para o observador e é representada do joelho para cima, uma posição de sobriedade.

Outro ponto de dissenso em relação às outras representações é a forma feliz com que a torcedora é mostrada, com um sorriso no rosto, aparentando uma imagem tranquila, cordial. O que há de concordância é a valorização do padrão de beleza feminino: cinturas finas, mamas grandes e cabelos longos e lisos, todos são elementos de saliências da imagem.

O desenho ainda ressalta uma torcedora vaidosa: batom e esmalte vermelhos, argolas, brincos e colar. A roupa, que remete a uma portuguesa típica, tem as cores e símbolos do clube e da torcida. No valor da informação, a torcedora está em primeiro plano, enquanto o Leão, mascote da Lusa aparece ao fundo.

No nível enquadre, o nome da torcida está fixado ao redor da imagem da torcedora. Ademais, há um detalhe educativo para uma fita azul, que alerta os torcedores para os exames do câncer de próstata. Na figura, observamos a construção de *ethos* de um tipo estereotipado de feminilidade, a mulher como frágil e graciosa.

i) Torcida Jovem Comando Feminino



Figura 10 – Imagem de perfil da Torcida Jovem Comando Feminino.
 Fonte: Facebook da Torcida Jovem Comando Feminino.

Na página da Torcida Jovem da Ponte Preta, não há representação de uma torcedora na imagem do perfil no Facebook. O desenho em questão são dois símbolos lado a lado: na esquerda, onde fica a informação dada, há o escudo da torcida organizada, que é algo já consolidado e conhecido por todos no mundo do futebol. Dentro do escudo, aparece a Macaca, mascote da Ponte Preta, na parte central em ação não-transacional com os braços fechados fazendo um gesto com os braços que identifica a torcida pontepretana. Ao fundo, há o símbolo da Ponte Preta. Como enquadres, aparecem o nome da torcida e sua data de fundação.

Ao lado direito, onde fica a informação nova, está o formato do símbolo do time campineiro com um espaço vazio e a indicação de 17 anos. Uma representação conceitual nos permite pensar que são 17 anos de amor e de dedicação à Ponte Preta. O termo feminino está na parte inferior, longe do foco central, e pode ser lido como a realidade. Neste caso, podemos pensar em um *ethos* de amor ao clube, com apagamento da representação feminina na imagem.

Considerações finais

Nas imagens de perfil do Facebook, oito comandos femininos das torcidas organizadas (Máfia Azul, Galoucura, Falange Grená, Mancha Verde, Força Flu, Raça Rubro-Negra, Independente e Serponte) projetam *ethé* de torcedoras bonitas, guerreiras, independentes, fanáticas e agressivas, que reforçam, em especial, dois estereótipos sociais: o da violência dos torcedores organizados e o da objetificação

dos corpos das mulheres. Por outro lado, as torcedoras se afastam dos imaginários de interesseiras (Maria-chuteira) e desinteressadas pelo futebol (grã-fina narinas de cadáver), reafirmando o entusiasmo e amor pelas torcidas e pelo esporte.

Os outros dois comandos femininos são exceções: um apresenta um *ethos* de feminilidade (Leões da Fabulosa) e o outro (Torcida Jovem) um *ethos* de amor ao clube, com apagamento da representação da mulher.

Pela análise utilizando a Gramática do Design Visual, observamos torcedoras valentes e prontas para o combate, em alguns casos até com armas, como espadas e chicotes. As imagens são representadas na parte central e, em sua maioria, com olhar de demanda, encarando o observador e indicando destemor. Nos rostos, as representações das torcedoras são sérias e chegam a demonstrar ira e raiva - não há sorrisos ou expressões de felicidade, com exceção à imagem da Leões da Fabulosa.

Por meio das saliências, entendemos que ainda há objetificação do corpo feminino, sempre representado por mulheres dentro do padrão de beleza vigente na nossa cultura, com cintura fina, mama grande, cabelo longo e liso, rosto com traços finos, pele clara e jovem. Nos enquadres, quase sempre há nomes das torcidas e dos clubes.

No geral, há certa diversidade nas imagens das torcidas organizadas, mas sempre descartando representações de negras, gordas e idosas, bem como algumas características fenotípicas, por exemplo, cabelos crespos e traços fortes (narizes grossos, orelhas e bochechas grandes, etc.). As imagens analisadas indicam que certas atitudes machistas - como o ideal de perfeição do corpo feminino e a força - são reproduzidas pelos comandos femininos nas imagens de perfil do Facebook.

Além disso, observamos que o processo representativo na maioria das imagens das torcedoras apresenta a feminilidade forte como padrão: corpo viril, mas belo e hipersexual, representando uma feminilidade que se afasta da masculinização dos corpos. Essa feminilidade também tensiona a ideia de feminilidade tradicional, ligada à graciosidade, representada apenas pela Leões da Fabulosa.

Apesar dessa análise crítica, entendemos que o fato de as mulheres já conseguirem organizar movimentos em um meio dominado historicamente por homens pode ser visto como uma conquista. Esta é uma ação paulatina que pode

levar a outras transformações posteriormente. A despeito disso, outros grupos de torcedoras estão mais engajados com as lutas das mulheres contra o assédio e por mais espaço e voz nas arquibancadas. Um exemplo disso é o ‘Mulheres de arquibancada - resistência e empoderamento’, que reúne torcedoras para discutir temas relacionados ao machismo e à heteronormatividade no futebol. Com isso, inferimos que os grupos de mulheres organizadas no futebol é um campo marcado por controvérsias e ambiguidades. Outro artigo analisando essa comparação discursiva se apresenta como possibilidade futura.

Artigo recebido em 13 de dezembro de 2022.

Aprovado para publicação em 22 de março de 2023.

Referências

ALVARENGA, Thiago. **Máfia Azul**: as imagens discursivas dos líderes da torcida organizada. 2018. 144f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Centro Federal de Educação Tecnológica, Belo Horizonte, 2018.

AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005, 208 p.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SFFNER, Fernando. Representações sobre mulheres nos estádios de futebol. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14. p. 284-301, 2018.

BATISTA, Graziella Cataldo. **Cibertorcid@s organizadas**: a violência das arquibancadas para a rede. 2005. 155f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

CARDOSO, Anna Gabriela Rodrigues. **Imagens discursivas de mulheres torcedoras dentro e fora das arquibancadas**. 2020. 113f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Centro Federal de Educação Tecnológica, Belo Horizonte, 2020.

CARVALHO, Flaviane Faria. O ethos discursivo de Bolsonaro e Haddad: uma análise dos banners da campanha eleitoral sob o enfoque da multimodalidade. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 18(3): p. 616-630, set/dez 2020.

COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, p. 1-31, nov. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48008>. Acesso em: 3 fev. 2023.

FLA cantou como nunca. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro. 02 maio 1968.

HALLIDAY, Michael. **Language as Social Semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Características étnico raciais da população brasileira. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9372-caracteristicas-etnico-raciais-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 2 de fev. de 2023.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo van. **Reading Images – the grammar of visual design**. 2 edição. London, New York: Routledge, 2006. 291 p.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. *In*: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-25.

JÚNIOR, Ary Rocco. **O gol por um clique: uma incursão ao universo da cultura do torcedor de futebol no ciberespaço**. 2006. 281f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

LOPES, Felipe. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/KfyqE5>. Acesso em: 26 out. 2022.

VAZ, Luiz Arator Carvalho. Em nome da garra, do amor e da paixão: uma análise das marcas coletivas de grupos femininos nas torcidas organizadas do clube de regatas do Flamengo. **Revista Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 23, 2014.

LYSARDO-DIAS, Dylia. et al. Imagem e Discurso. *In*: LYSARDO-DIAS, Dylia; LIMA, Helcira; MACHADO, Ida Lucia (orgs.). **Multimodalidade: uma leitura sistêmico-funcional de capas de CDs**. Belo Horizonte: Fale, 2013. p. 110-124.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; DELARMELENA, Gabriela Borel. Mulheres torcedoras de futebol no Brasil: refazendo gênero no interior da cultura fanática. **FuLiA/UFMG**, v. 7(2), p. 70–91, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2526-4494.2022.36793>.

MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem (poder) torcer**. 2018. 157f. Dissertação (Cultura e Sociedade) - Departamento Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2018.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol**. São Paulo: Benvirá, 2017. 217 p.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e**

auto-afirmação, aspectos da construção de novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997. 160 p.

RUCHKYS, Angela Alves; ARAÚJO, Maria Aparecida. Reflexões sobre análise crítica do discurso. *In*: MAGALHÃES, Célia (org). **Análise do Discurso**: em busca de (in)congruências entre a vertente francesa e a ânglo-saxã. Belo Horizonte: Fale, 2001, p. 207-225.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-moderno - da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003. 360 p.

SANTOS, Denise Ferreira. **Discurso e as eleições presidenciais de 2014**: manifestação dos ethé nas capas das revistas Época, Isto É e Veja à luz da Semiolinguística e da Gramática do Design Visual. 2017. 213f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Centro Federal de Educação Tecnológica, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Marcella Rodrigues da. **As mídias sociais como potencializadoras da paixão clubística**: publicidade e interações no engajamento ao consumo de cibertorcedores. 2015. 121f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SILVA, Renato Caixeta da. Representações do aprender línguas em narrativas visuais: o que mostram as imagens de sites de escolas de inglês. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 73, n.1, p. 129-152, jan/abr. 2020.

PESSANHA, Nathália Fernandes. **Arquibancada Feminina**: relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro. 2020. 157f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, 2020.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: Filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas. 1998. 221 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados: Anpocs, 1996.

Sobre a autoria

¹Doutorado em Estudos da Linguagem (2021 – atual) pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: tmalvarenga@gmail.com.